

ANC 88
Pasta 16 a 23
Abril/87
021

Constituinte



Os líderes se atropelam e o governo dança

Freitas Nobre

A convivência das lideranças não está fácil.

E vale lembrar para entender.

O presidente Sarney, temeroso de que o escolhido pelo PMDB não pudesse acumular suas funções com a de líder do governo, antecipou-se à decisão da bancada peemedebista e indicou o deputado Carlos Sant'Anna.

Carlos Sant'Anna desistiu de concorrer com Luiz Henrique para a liderança do PMDB, percebendo que a disputa estava definida.

Depois, quando Luiz Henrique disputou com Mário Covas a liderança da Constituinte, Carlos Sant'Anna perdeu junto com Ulysses Guimarães.

Na escolha dos presidentes e relatores das comissões, nova derrota para o líder do governo, com a vitória de Mário Covas. A tentativa de furar os novos acordos de Covas deixou o governo amplamente derrotado na Constituinte.

Assim ocorreu nas Comissões temáticas. Na subcomissão de Regime da Propriedade do Sub-solo, da Atividade Econômica etc, o candidato de Mário Covas, deputado Virgildásio de Senna, derrotou o candidato do go-

verno. O deputado Marcos Lima, coordenador da bancada de Minas vociferava: "Este Covas é um moleque". Nem o controle da maioria dos coordenadores de bancadas com o deputado Expedito Machado à frente possibilitou ao governo o controle das subcomissões. A subcomissão do Poder Judiciário escolheu como presidente o deputado José Costa; tão independente quanto severo nas críticas ao comportamento dos administradores. Na comissão de Poderes, o líder do governo trabalhou contra o deputado Egídio Ferreira Lima, relator da preferência de Covas. Perdeu o latim e a eleição. Na Comissão da Ordem Econômica, Carlos Sant'Anna lançou o deputado Cardoso Alves contra o senador Severo Gomes, que ganhou a eleição. Na subcomissão de Reforma Agrária, Sant'Anna lançou Alysson Paulinelli e Roberto Cardoso Alves, este como relator. Ganharam Edson Lobão e Oswaldo Lima Filho. É certo que o presidente Sarney sente que Carlos Sant'Anna está mais próximo dele. Foi seu companheiro de Arena, durante muitos anos, inclusive num período em que o deputado baiano, como vice-líder do partido situacionista da época, defendia as mesmas posições. E, por sinal, era um parlamentar enérgico e intransigente na defesa das posições do governo e do seu partido — e, faça-se justiça, brilhante na difícil tarefa de dar cobertura ao governo militar que usava o AI-5 e arrolhava a imprensa.

Força de Covas

Covas, no entanto, vinha de uma tradição de luta democrática e de resistência que culminou com sua cassação e agora retorna com a força de uma nova experiência política e administrativa.

Carlos Sant'Anna passou da Arena para

o Partido Popular que Tancredo Neves, secretariado por Thales Ramalho, havia organizado com dissidentes situacionistas e com moderados do MDB. Era, então, o ancoradouro dos que temiam uma esquerdização do MDB e uma erosão eleitoral da Arena.

Portanto, para o presidente Sarney, o deputado Carlos Sant'Anna era o parlamentar confiável. Sua indicação antecipada era a mais evidente demonstração de que o chefe do Executivo filiara-se ao PMDB, porque assim erigiam os dispositivos da legislação do Colégio Eleitoral, que obrigava o candidato a presidente da República e a vice, a inscrever-se no partido pelo qual tivesse concorrido; até oito dias após sua escolha.

Mário Covas, fortalecido pela decisão da bancada do PMDB no Senado e na Câmara, falou alto, inclusive quando rejeitou o acordo feito pelo presidente Ulysses Guimarães com o Partido da Frente Liberal relativamente à mesa da Constituinte — ou seja, a entrega da 1ª vice-presidência a um parlamentar pefelista. Foi mais longe, quando os líderes do PFL no Senado e na Câmara, Chiarelli e José Lourenço, pleitearam a 1ª Secretaria da Constituinte. Mário Covas, Luiz Henrique, Ulysses Guimarães, Fernando Henrique, e outros parlamentares de expressão, apelaram na reunião da bancada para que fosse aceita a proposta das lideranças do PFL relativamente à 1ª Secretaria, já que o acordo pela 1ª Vice-Presidência estava rompido com a escolha do senador Mauro Benevides. As palavras, no entanto retratavam um apelo formal, porque a realidade era absolutamente outra. O próprio presidente Ulysses Guimarães, no íntimo, torcia pela escolha do senador Mauro Benevides, que ele próprio havia indicado como seu substituto eventual. Ulysses sabia que o presidente Sarney iria afas-

tar-se do País, duas vezes, durante o período constituinte, e que ele teria que passar a presidência ao 1º Vice. Só um constituinte do PMDB, e, muito especialmente, o senador Mauro Benevides, seu fiel escudeiro na Executiva Nacional do partido, poderia assegurar-lhe tranquilidade no período em que tivesse que assumir a presidência da República.

Quando a Fernando Henrique e Mário Covas, era evidente o interesse em que a 1ª Vice-Presidência da Constituinte ficasse com o PMDB. Covas não quer se comprometer com a política econômica do governo nem perder o respaldo da base progressista do partido. E, também por esta razão, recusa-se a participar das reuniões do Conselho Político, como ocorreu na semana passada

Outra derrota

Mas o governo perdeu mais uma disputa para Mário Covas: na subcomissão do Executivo que vai propor a fixação do período do mandato presidencial. Ali, o governo se articulou através do líder situacionista Carlos Sant'Anna e dos deputados Marcos Lima e Cardoso Alves, que apoiavam para relator o deputado Expedito Machado, coordenador da bancada cearense.

O candidato de Mário Covas, senador José Fogaça, da esquerda e partidário dos 4 anos para Sarney, foi escolhido relator.

O presidente dessa subcomissão, embora primo de Sarney, deputado Albérico Filho, partidário dos 6 anos, no entanto, com dois impedimentos: um da presidência, que lhe permite apenas o voto de Minerva, e o outro, o fato de ter que se submeter a uma decisão

partidária. Aliás, o senador José Fogaça já encaminhou ao presidente Ulysses Guimarães um requerimento de 20 páginas, pedindo a convocação de uma Convenção Nacional para decidir sobre o regime e o mandato presidencial. Expedito Machado, concorrente de Fogaça, renunciou porque percebeu a inevitável derrota. Perdeu, mas não perdoo.

E, na importante Comissão de Sistematização, Covas coroou suas vitórias com a eleição de Bernardo Cabral para relator.

Perdendo Terreno

As pretensões do governo no controle da Constituinte estão se desmoronando, e a ação da sua liderança, da forma como está sendo exercida, é considerada uma intervenção indevida do Executivo. Acirra os ânimos e aprofunda o fosso entre o governo e a bancada do PMDB, para não dizer, simplesmente, do líder Mário Covas.

As lideranças se atropelam e o governo dança, perde terreno dia a dia junto aos constituintes, assumindo um risco cada vez maior, até porque o mandato presidencial está vinculado ao desenvolvimento da crise e tanto pode desaguar nas diretas-já como num mandato de 6 anos, como deseja o presidente, seus mais próximos auxiliares e colaboradores e os governadores recém-eleitos.

Covas desarticulou o plano de Carlos Sant'Anna, ou plano situacionista de controle do Legislativo.

Foi a cada uma das comissões e falou aos seus integrantes, convencendo-os, o que não conseguiu o líder do governo.

Não é sem razão que se afirma em todo o Congresso: Covas venceu o Planalto.